

OFICINAS EM ESCOLAS SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: SÃO POSSÍVEIS AÇÕES PREVENTIVAS?

Coordenador: SIMONE MAINIERI PAULON

Autor: CRISTIANE VEECK

O objetivo desta escrita é problematizar as práticas realizadas no projeto de extensão intitulado "Intervenção Interdisciplinar em Coletivos: Vulnerabilidade Social e Direitos Humanos". O trabalho que realizamos teve início em 2005 com monitores de extensão do curso de Direito do Centro Universitário Ritter dos Reis e estagiários curriculares de Psicologia da UFRGS e da PUCRS junto ao Fórum da Restinga, sendo vinculado, posteriormente, ao projeto de extensão referido acima. O começo do trabalho realizado junto ao Fórum foi pensado a partir da constatação de que os problemas enfrentados no âmbito das relações familiares, que resultavam em processos no Juizado Especial Criminal (JECrim), freqüentemente não encontravam soluções apenas nos encaminhamentos jurídicos. Assim sendo, alunos, professores e profissionais do Fórum construíram uma proposta de intervenções interdisciplinares e interinstitucionais Psicologia-Direito nas situações de processos que envolviam violência doméstica. Visando a um encaminhamento menos burocrático - o qual reconhecidamente torna o sistema judiciário um palco de demorados processos litigiosos e de seguidas ações de execução decorrentes do não cumprimento das demandas proferidas - e mais atento às demandas apresentadas, o Tribunal de Justiça e o UniRitter efetivaram uma parceria, a fim de realizar um trabalho de atendimento integrado entre Vara Criminal/ Serviço de Assistência Jurídica Gratuita (Sajuir)/ Vara de Família. Os objetivos do trabalho consistem na ampliação do serviço de assistência à comunidade local - proporcionando um espaço de discussão coletiva sobre temas do âmbito das relações familiares, na disponibilização de um serviço de acompanhamento psicossocial às pessoas envolvidas em conflitos familiares, no qual alunos do direito e da psicologia possam desenvolver uma prática interdisciplinar de socialização do conhecimento e, por fim, na instalação de um serviço de assessoria jurídica popular, de caráter preventivo. Então, dentro do objetivo de proporcionar esses espaços para a comunidade e de prevenir que esse tipo de conflito continuasse sendo recorrente nos processos em andamento, os alunos passaram a oferecer o serviço de mediação familiar para àquelas famílias que se interessassem por esse tipo de atendimento. Assim, as famílias eram atendidas por uma dupla interdisciplinar, composta por um aluno do direito e outro da psicologia. No início de 2007 a equipe de trabalho de

extensão, pensando sobre a prática que estava realizando dentro do fórum, chegou a conclusão que poderia ser interessante ampliar seu campo de intervenção naquela comunidade em que a violência doméstica parecia ser parte do cotidiano dos moradores. Dessa forma, pensando como poderíamos fazer um trabalho de prevenção, começamos a montar oficinas para serem realizadas com alunos das escolas próximas ao Fórum, atingindo, assim, um público mais jovem. Visitamos, primeiramente, duas escolas próximas ao Fórum: Escola Estadual de Ensino Médio José do Patrocínio e Escola Municipal de Ensino Fundamental Mário Quintana, para falarmos sobre o nosso projeto e oferecer o trabalho das oficinas. Nossa primeira experiência com as oficinas aconteceu na escola José do Patrocínio, na qual fomos recebidos pela vice-diretora. Ela nos ofereceu para trabalharmos duas turmas de sexta série, dizendo que seria interessante discutir com eles o tema da violência, pois os alunos andavam mesmo violentos. Posteriormente viemos saber, essas turmas se tratavam das duas "turmas problema" da escola. Configurava-se, então, um pedido que vinha da escola para nós: resolver o problema da violência daqueles alunos. Isso só soubemos ao longo do trabalho e nos colocou algumas questões: qual nosso objetivo naquela escola? Temos que dar conta da demanda da escola? Assim, iniciamos o trabalho pela escola José do Patrocínio com as duas turmas de sexta série oferecidas pela vice-diretora. Usávamos dois períodos vagos de cada turma para desenvolver as oficinas. A proposta de intervir sob a forma de oficina advém do método construtivista desenvolvido em sua base por Piaget que diz que o sujeito deve participar ativamente da construção do conhecimento. Em virtude disso, as oficinas tinham a intenção de fazer com que os alunos pensassem sobre o tema da violência e a partir dessa reflexão pudessem, então, construir alguma coisa. Foi oferecida uma câmera de vídeo para que pudessem registrar, ao fim da oficina, aquilo que construíram coletivamente. Muito do que o grupo de extensão pensava antes de começar a colocar o trabalho em ação teve que ser revisto, à medida que estávamos diante de uma realidade que não conhecíamos profundamente e que nos surpreendia muitas vezes. Não havíamos previsto, por exemplo, que falar em legislação poderia ser falar de algo que era alheio àquele universo, já que eles demonstravam que ali, naquele bairro, havia um código próprio. Com o passar dos encontros com os alunos, tivemos que ir remodelando nossa forma de intervir, de acordo com aquilo que os próprios alunos nos traziam. Isso gerou grande angústia para o grupo, pois começamos a nos questionar sobre qual era o real objetivo daquelas oficinas e que ética regia esses encontros. Pensando sobre o que nos deparamos nas primeiras oficinas, com essas duas turmas de sexta série, montamos outra forma de intervir. Hoje, essa prática ainda está acontecendo e ainda está sendo reformulada a cada encontro dosicineiros com os

oficinantes.